



Sermão para Tribuzi

PROFERIDO PELO PADRE JOÃO MOHANA DURANTE A MISSA DE 70. DIA NA CATEDRAL

Bandeira Tribuzi proporcionou-nos a alegria, não de oferecer-nos apenas uma morte capaz de dar-nos uma resposta válida para a vida, mas também uma vida capaz de esclarecer-nos sobre o sentido profundo da existência. Foi, portanto, eloquente não apenas ao morrer, mas também ao viver. Cada dia de sua peregrinação fornece uma mensagem. Não apenas os últimos.

Fazendo esta afirmação, quero chamar a atenção para o fato de que Bandeira Tribuzi não nos ofereceu apenas um itinerário intelectual, no sentido científico da expressão; nem apenas um itinerário social, no sentido comunitário do termo; nem apenas um itinerário profissional, no sentido técnico do vocábulo; nem apenas um itinerário sentimental, no sentido psicológico da palavra. Não. Em Bandeira Tribuzi quem tem olhos de ver pode enxergar um itinerário especificamente espiritual, no sentido filosófico e teológico da expressão. O itinerário espiritual que ele percorreu é capaz de responder às interrogações profundas do nosso coração.

Aqui ao redor deste altar, nenhuma outra meditação sobre essa bela vida seria mais oportuna. O itinerário espiritual de Bandeira Tribuzi.

Para o Evangelho e para Jesus Cristo a perfeição humana não consiste na posse estática, mas num avançar constante rumo à perfeição infinita de Deus. Este dinamismo de busca, de procura, de avanço, de maturação, este dinamismo ocupou os 18.000 dias de Bandeira Tribuzi.

Nesses 18.000 dias de Tribuzi podemos delinear um autêntico itinerário espiritual, dinâmico como o dinamismo da semente rumo ao fruto, dinâmico concretizado numa dialética que, se não é lei na história, é um processo objetivo em algumas vidas. A vida de Bandeira Tribuzi foi uma dessas em que o itinerário espiritual se efetivou num estilo dialético, e de uma dialética curiosamente em trêse: tese, antítese e síntese.

A tese ou primeira etapa da dialética existencial tribuziana, ou primeiro período do itinerário espiritual, abrangeu a infância e a juventude dele. Nesse período a sensibilidade espiritual dele era também uma sensibilidade transcendental, sensibilidade religiosa, teológica. Foi o tempo do lar e do seminário, o tempo da clausura, em que a verticalidade era uma tônica, o infinito era real para ele; período em que ver o mar e sentir o Autor do mar, em que empolgar-se com a natureza e conversar com o Autor da natureza, eram vivências que se confundiam na verticalidade da fé que transforma em oração toda admiração, toda contemplação.

Mas foi uma etapa em que essa *tese* tinha de desembocar forçosamente na antítese, numa antítese-negação da verticalidade transcendente, mas negação só aparente, porque a opção pela horizontalidade social era a única opção viável para quem amava a amplitude da liberdade, não suportando uma verticalidade asfixiante, porque perdia de vista os vínculos entre matéria e espírito, entre criação e Criador, entre vida e Fonte, entre o homem e Deus.

No convívio com mentores religiosos alienados, com um clero tridentino, com um laicato jansenista, era natural que uma sensibilidade tão apurada se desencantasse com o sobrenatural. Esta é a razão psicológica para a *antítese* da horizontalidade de Bandeira Tribuzi nessa segunda etapa do itinerário espiritual. Nessa etapa o infinito já não era o infinito de antes, mas o infinito maior tornou-se para ele o próprio homem. Sendo o infinito maior o próprio homem, claro que o horizonte do humanismo tribuziano era todo feito de pura horizontalidade. Mas nessa horizontalidade sem transcendência ele não conseguiu ocultar a *evangelicidade* de seu coração, porque sube abraçar, sem se contradizer, todos aqueles que viviam esmagados dentro desse horizonte horizontal. Os sofredores de todo tipo, os oprimidos de toda espécie, os marginalizados de toda origem.

Na antítese da horizontalidade, Bandeira Tribuzi buscou, e achou, não a leviandade rasteira de um materialismo padronizado, mas nada mais, nada menos que as Bem-aventuranças do Sermão da Montanha.

Acessado pelo mais rigoroso exame, Bandeira Tribuzi receberia - e recebeu - o galardão dos Bem-aventurados cujo retrato o Cristo delineou no capítulo 5 do Evangelho escrito por São Mateus. Nele as Bem-aventuranças caem como uma luva. A começar pela primeira. "Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus". Quem poderia dizer que Bandeira tinha coração de rico? Nem coração de rico, nem casa de rico, nem roupa de rico nem carro de rico, nem aspirações de rico. Porque poderia ter sido rico. Não lhe faltava capacidade para isso. E na verdade teria até o direito de não ter sido tão rigoroso na sua coerência de pobreza, por causa dos filhos; mas preferiu deixar para eles um patrimônio de valores, antes de um patrimônio de haveres. Preferiu deixar para os filhos a lição do que um homem pode ser antes de poder ter, lição que a traça não rouba; lição que garante a qualidade da vida em qualquer tempo. Ele não teve apenas um coração de pobre. Escolheu ser pobre de fato.

Bem-aventurados os mansos. É outra bem-aventurança que não se tornou letra morta na existência de Tribuzi. O reino da violência não era o dele. Por ele todas as bombas seriam incineradas, todos os opressores descobririam a fraternidade.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça". Os que conviveram com ele puderam sentir o lugar da justiça naquele espírito, naquela vida. Poderam dizer que foi por ter fome e sede de justiça que ele abreviou o tempo de peregrinação conosco. Mas o preço que pagou não terá sido em vão.

Até a bem-aventurança dos "perseguidos por causa da justiça" entrou na vida de Tribuzi. Eu conheci o sofrimento que suportou com cativante dignidade, perseguido porque era devorado por essa modalidade de fome.

A penúltima das bem-aventuranças no texto de São Mateus é a que bendiz os construtores da paz. Nenhum título talvez assente melhor do que este na figura de Tribuzi. Bem-aventurado o operário da paz. Foi operário da paz como poeta, como profeta, como homem.

Vejam a dimensão evangélica dessa etapa antitética, desse período aparentemente materialista da horizontalidade tribuziana. Digo aparentemente materialista porque Bandeira Tribuzi encontrava o próprio Cristo sem pronunciar esse nome; abraçando sem reserva, abraçando até com heroísmo todos aqueles que o Cristo abraçou e quer ver abraçados.

Ainda que o itinerário espiritual de Bandeira Tribuzi se encerrasse nessa etapa de horizontalidade, ainda assim, teria sido uma vida evangélica, embora sem a plena explicitação do Transcendente no social. Mas não. Bandeira Tribuzi entrou e levou-nos com ele até o tabernáculo da plenitude espiritual. A tese e a antítese culminaram na *síntese*, onde o homem e o Autor do homem se nupciaram. A verticalidade e a horizontalidade cruzaram-se na cruciformidade, como naquele onde nenhum valor humano fica de fora, para realizar a plenitude humana, destinada a viver também ao nível de Deus; a conviver com o próprio Deus.

Nessa última etapa de sua vida, em que cada dia valeu mil, tal a vulcanidade da experiência, ele rompeu aquele pudor místico, bem próprio das almas diferentes, como ocorreu com o véu do Templo, mostrando a hora de Deus no homem.

Alguns hão de pensar que essa terceira etapa do itinerário espiritual de Bandeira Tribuzi tenha começado no hospital.

É engano. Começou muito antes. Começou quando aquela luz acendida pelo Concílio Vaticano II mostrou a ele a verdadeira face da Igreja de Cristo. Com os documentos emanados do Concílio, com a simplicidade que ia voltando para a vida dos cristãos, desde o Papa até o mais simples fiel; com o Evangelho retornando em língua viva e em vida à Igreja que ele conhecia envelhecida na juventude e agora estava a descobri-la jovem na maturidade; com o novo clero e as novas religiosas formando um pugno engajado nessa Igreja que ele reconhecia agora ser a pátria da libertação, o front audacioso da defesa dos Direitos Humanos.

Quem teve olhos de ver e conviveu com Bandeira Tribuzi antes e depois do Concílio, pôde apalpar a incontestável mudança operada nele, iniciando a etapa cruciforme de seu itinerário. Tanto que antes da missa de ação de graças pelo jubileu de ouro, telefonei a ele. E disse mais ou menos estas palavras:

— Bandeira, você sabe de minha admiração pelo poeta e pelo profeta existentes em você. Estarei com muito prazer no lançamento de seu livro, mas não pretendo concelebrar com Dom Mota, como gostaria, porque não sei se a missa significa para você algo mais que mera cerimônia social. É uma atitude de respeito aos seus sentimentos.

Ele me deixou falar, e a resposta que me deu foi esta, sublinhada com aquele sorriso manso que eu adivinhava na extremidade da linha:

— Olhe, padre Mohana, se a missa não significasse hoje para mim mais do que um ato social, fique certo de que eu teria uma maneira delicada de excluí-la desse programa tão carinhosamente elaborado.

Não pude concelebrar, por um imprevisto doméstico, mas uma alegria imensa se aninhou no meu coração. Acabava de descobrir o Cristo naquele coração. E pra a que eu não duvidasse da descoberta, no meio daquela encantadora algazarra sonora que foi a homenagem no Campus, ele escreveu esta dedicatória no meu exemplar do Breve Memorial do Longo Tempo: "Para João Mohana, em quem admiro o talento e a nova lição de um grande amigo, - o Cristo."

Na exegese desta dedicatória três vocábulos são chaves: A mim não me chama de *amigo*. Mas chama de amigo o Cristo. Aliás, não só amigo. *Grande amigo*. E o adjetivo *nova* qualificando lição. *Nova lição*. Quer dizer que ele aprendera uma lição diferente da anterior, e com esta nova lição o Cristo lhe aparecia plenamente válido, "grande amigo".

Mas aí não está o pináculo da síntese, a culminância da etapa cruciforme, porque pode-se ter amizade a Cristo sem se aceitar o mistério escatológico cristão.

A culminância veio quando ele, já no hospital, sentia que estava vivendo dias de Everest. Percebendo que a vida é uma chama e que o misterioso vento a oscilava para o lado de cá e para o lado de lá, no meio das dores a irmã religiosa o surpreendeu chamando por Aquele cujo nome os lábios agora deixavam sair:

— "Jesus, valei-me, valei-me".

Era como se ele se sentisse crucificado no lado vazio da cruz, e pedisse ajuda ao Companheiro do outro lado.

Ora, quem chama por Jesus, acredita que ele está vivo. (Não se chama um morto há dois mil anos.) E se acredita que está vivo, acredita que ele não se acabou na cruz. Acredita, tem fé que Jesus venceu a morte, crê que tornou a viver,